

atenção à criança, evitando a mortalidade infantil e preparando-a para desempenhar o papel que a História nos reservou.

Não somos ternos. A morte, inevitavelmente, ceifará todos os que sustentam a nacionalidade. Eis por que necessitamos cumular de cuidados a nova geração, a fim de que o Brasil seja, na realidade, o País do Futuro.

É o nosso apêlo para o eminente Sr. Ministro da Justiça, a quem o caso está diretamente afeto.

E, para que figure nos Anais da Câmara, pela importância do assunto, peço a transcrição do suelto "Sem Solução", publicado no "Correio Braziliense", seguindo de perto, os passos do brilhante jornalista que é Odylio Costa Filho nos seguintes termos:

#### SEM SOLUÇÃO

O problema da criança desvalida, no Brasil, é uma problemática que se tem mantido insolúvel até o momento. O estranho é que o Poder Público, a quem cabia a supervisão científica da questão comete uma transgressão a da omissão histórica. Enquanto isso permite que uma instituição como o SAM — Serviço de Assistência ao Menor — transforme-se em centro de perversão de crianças, onde se profana e se desvirtua tudo quanto se legislou a favor do menino abandonado. O elenco de estadistas que hoje governa o País inspirados numa filosofia revolucionária nobre, está em condição de reformar essa política social. Faço-o, então. E o faça logo. Pois há uma multidão de crianças sofrendo os efeitos da brutalidade, em covis identificados como centros de recuperação científica. Sem infância, sacrifica-se o futuro de qualquer Nação. Suprimir-se-á fatalmente, o destino de um povo. Porque a criança é matéria-prima de uma civilização. Os dirigentes da Repú-

blica são dotados de sensibilidade sociológica. São humanos e espiritualmente adultos. Que o problema, inegavelmente transcendental, seja chamado a exame para a formulação de uma solução efetiva, que interprete, com clareza os sentimentos cristãos do povo brasileiro. Dispersar a infância é crime hediondo. Martirizá-la, anulá-la, ou transformá-la em coisa imprestável é investir contra os próprios padrões de dignidade humana.

Era o que tinha a dizer. (*Muito bem*).

O SR. VALÉRIO MAGALHÃES — (*Para uma comunicação*) — Senhor Presidente, Senhores Deputados. Os problemas de Brasília continuam sem solução, apesar da melhor boa vontade do atual Prefeito e da atuação das Comissões do Distrito Federal nesta Casa e no Senado.

Na noite de 12 do corrente, em memorável sessão levada a efeito no plenário da Câmara Alta, com a presença de diversas autoridades federais e da Prefeitura local, e economista Hélio Beltrão proferiu importante palestra em que abordou temas interessantes sobre administração pública ligados ao momentoso assunto da organização administrativa desta Capital. Foi, não há negar, um grande passo no sentido de despertar os órgãos responsáveis pela consolidação de Brasília, para que passem à ação efetiva e procurem atingir de forma indiscutivelmente prática e objetiva esse *desideratum*.

Enquanto isso ocorre, Sr. Presidente, ilustres colegas, as obras de Brasília continuam paralisadas e o desemprego aumenta dia a dia, com cerca de 15.000 operários passando privações com suas famílias, problema que poderia ser facilmente contornado, tão logo fossem reiniciadas tais obras.

Por outro lado, volta-se a falar no retorno de diversos órgãos federais já aqui instalados para a

antiga Capital, a faceira e atraente Cidade Maravilhosa. Daqui desta tribuna enviamos requerimento de informações ao Banco do Brasil, sobre notícias de que a Carteira de Crédito Agrícola estava prestes a voltar ao Rio, bem assim o Gabinete da Presidência daquela entidade de crédito. Até agora nenhuma resposta tivemos. O Conselho de Telecomunicações recentemente criado e aqui instalado, também está em fase de preparativos para sair de Brasília e o seu ilustre Presidente, o Almirante Beltrão Frederico, ouvido pela imprensa local, não desmentiu a notícia, declarando que aqui o Conselho não ficaria, muito embora também não fôsse para o Rio. Usou de evasivas, fez declaração sem nexos, ambígua, imprecisa. É de perguntarmos a Sua Excelência — Tratando-se de Conselho de telecomunicações, será que pretende ter sua sede na lua, agora em moda com a recente viagem de uma nave espacial àquele satélite?...

Os inimigos de Brasília, Senhor Presidente, têm o seu estado-maior no Ministério da Fazenda e agora mesmo se fala em cortes e mais cortes nas dotações atribuídas ao Distrito Federal para o ano em curso, que orçava em cerca de .. Cr\$ 47.000.000.000,00. Aliás, sobre esse assunto, julgamos interessante ler aqui, para que conste de nossos Anais, o artigo hoje publicado pelo jornal "Correio Braziliense", assim redigido:

Diz o referido artigo:

#### POLÍTICA DE CONTENÇÃO

Espera-se que a política de contenção inspirada pelo Ministério da Fazenda não venha a atingir, de forma tão ruínosa, as obras do Distrito Federal. As tarefas de consolidação da Capital brasileira devem ser levadas à conta de questão prioritária. Brasília sintetiza o esforço estatal para a integração sócio-econômica do País. Qualquer restrição de recursos,

a despeito de exercer poupança de dinheiros públicos, não pode apresentar as dimensões de uma providência válida, pois faltará àqueles que assim se conduzirem o poder interpretativo do realismo em que vive a Nação, cuja Capital foi interiorizada por força de dispositivo jurídico, já não se justificando a estagnação de uma cidade imprescindível à evolução harmônica do Brasil.

As normas que o Professor Otávio Bulhões imprime à política monetária brasileira identificam-se pelo seu futuro cívico. A isto não nos opomos. Mas, Sua Excelência incorrerá em clamorosa injustiça se, acaso, determinar medidas que impliquem na redução de verbas pré-fixadas, em orçamento, e que se destinem às obras do Distrito Federal. Será uma atitude antinacional, sujeita ao protesto das esferas mais lúcidas do povo, que vêm e sentem em Brasília um impeditivo de desenvolvimento equânime para a Pátria. Que sejam liberados, sem qualquer embaraço, os recursos que cabem à Capital da República.

Não acreditamos que o ilustre Presidente da República probo, patriota, sincero e convicto cidadão também nascido em regiões sofridas de nosso País, que tem toda uma longa existência voltada aos problemas da Pátria, que percorreu em todos os sentidos, consinta em tantas tramas contra esta Capital e, por certo, não se deixará influenciar pelos argumentos que lhe chegam, todos os dias, de muitos de seus ministros contra a permanência do Poder Central no Planalto, sob o fútil motivo de que daqui é difícil administrar o País.

Que Brasília seja consolidada, que o Chefe da Nação, de uma vez por todas, fale à Nação nesse sentido e de pronto ponha um paradeiro nessa dança de São Guido, nessas notícias de retorno que tan-

tos prejuízos trazem à iniciativa particular, vez que todos ficam com receios de inverter capitais na Sede constitucional do País. *(Muito bem. Palmas.)*

O SR. JORGE SAID CURY (*Para uma comunicação*) \* — Sr. Presidente, Srs. Deputados, a madrugada de 13 de março do ano fluente consternou a cidade de Itaperuna, Município do Estado do Rio, com a infausta notícia do assassinio do antigo membro do Partido Trabalhista Brasileiro, ilustre Presidente da Câmara Municipal local, o vereador João Garcia Santiago.

O crime foi praticado de tal forma que não pouparam sequer o filho daquele desgraçado homem. Jovem de dezessete anos, quando tudo eram flôres, risos e alegria, surpreendido com os disparos feitos à porta da sua casa, corre em socorro do seu pai, e os chacinadores, os chacais, as hienas, cujos corações eram comandados por instintos bestiais, não trepidaram em mandar em companhia do pai, para o Além, aquêlê menino-moço.

Tudo isso aconteceu quando ainda governava o nosso Estado o eminente companheiro Badger Silveira, tôdas as providências foram adotadas no sentido da punição dos criminosos. Eis senão quando surge a Revolução, e os responsáveis pela ordem pública do meu Estado em vez de prosseguirem nas investigações paralisaram-nas por completo. Assim, passou o processo, passou o fato ao olvido. Os revolucionários estavam preocupados em levar para o cárcere os intelectuais, os líderes sindicais, os operários e aquêles que, por uma questão de ponto de vista político, se encontravam em posição diametralmente oposta à sua.

Hoje, Sr. Presidente, recebemos notícia do Município de Itaperuna, no sentido de que as autoridades policiais declaram não ter condições para apurar o fato criminoso, porque não existe sequer um jipe

para demandar as pistas que pululam naquela cidade.

Então, Sr. Presidente, queremos fazer um patético apêlo ao Senhor Governador do Estado, o eminente General Paulo Tôrres, no sentido de que não deixe impune crime tão tenebroso, que macula os foros de civiliação do nosso povo. Estamos certos de que seremos atendidos, tanto mais quanto êste mesmo pedido tem eco nos corações das famílias ordeiras do povo fluminense. *(Muito bem.)*

*Durante o discurso do Senhor Said Cury, o Sr. Lenoir Vargus, 2.º Vice-Presidente, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Emílio Gomes, Suplente de Secretário.*

O SR. PAULO MACARINI (*Para uma comunicação*) \* — Sr. Presidente, na madrugada de hoje, o Congresso Nacional aprovou, com algumas emendas, a proposta governamental que visa a aumentar o impôsto de consumo e de sêlo. Sem dúvida alguma, êsse aumento virá contribuir real e psicologicamente para a elevação do custo de vida, diminuindo, cada vez mais, o poder aquisitivo do povo brasileiro. No nosso entender — e votamos contra a majoração dos impostos — é uma medida anti-social, antipática e injusta, porque irá refletir especialmente sôbre as classes de renda baixa e média. Sentimos que o propósito do Govêrno, ao pleitear mais cem bilhões de cruzeiros era sanar *deficits* estaduais especialmente com o aumento do funcionalismo e outros encargos administrativos. Procuramos, então, disciplinar a aplicação dêsses recursos, fazendo com que fôssem destinados à Rede de Abastecimento de água, ao sistema de esgôto sanitário e à distribuição e geração de energia elétrica. Entretanto, a maioria não aceitou esta emenda resolveu apenas recomendar ao Sr. Presidente da República desse preferência aos

\* Não foi revisto pelo orador.

\* Não foi revisto pelo orador.